

Diretoria da AFAPUC

A QUEM RESPONDEMOS?

Há algo profundamente triste acontecendo na PUC-SP.

A Universidade que sempre se orgulhou do diálogo, da construção coletiva e da convivência democrática parece hoje atravessar um cenário de confusão administrativa, insegurança institucional e crescente desgaste humano. Vivemos, na prática, uma espécie de “duplo poder”. De um lado, decisões são tomadas por uma autoridade. De outro, são revistas, esvaziadas ou simplesmente anuladas por outra. Setores mudam de comando sem explicações claras. Atos administrativos perdem validade em questão de semanas. Gestores são nomeados e desautorizados. Estruturas são desmontadas e reconstruídas ao sabor das disputas internas.

E nós, trabalhadores, perguntamos diariamente: afinal, a quem respondemos?

Não se trata aqui de uma crítica pessoal. Muito menos de alimentar conflitos. Trata-se de reconhecer uma realidade que já ultrapassou os bastidores e passou a impactar diretamente a vida dos funcionários administrativos, ou melhor, da comunidade.

A fragmentação institucional criou dois grupos invisíveis, mas facilmente identificáveis nos corredores: os “garantidos” e os “caprichosos”. Uns parecem protegidos pelas estruturas de poder; outros vivem sob permanente insegurança, medo e sensação de descartabilidade.

Enquanto isso, cresce o adoecimento.

Multiplicam-se os relatos de ansiedade, depressão, exaustão emocional e sensação de impotência. Pessoas que dedicaram décadas à Universidade hoje trabalham sem saber se voltarão amanhã, se suas funções serão alteradas abruptamente ou se decisões institucionais terão validade até a próxima semana.

E talvez o mais doloroso seja perceber que tudo isso acontece justamente em uma Universidade que se afirma humanista e cristã.

Estamos vendo colegas de muitos anos de casa preferirem ir embora. Pessoas que ajudaram a construir esta Universidade e que jamais imaginaram sair daqui estão desistindo não apenas de um emprego, mas de um projeto de vida, em razão do clima organizacional que se instaurou.

Porque a PUC-SP nunca foi apenas um local de trabalho. Para muitos de nós, ela sempre foi uma extensão de nossa própria casa. Sempre trabalhamos muito, enfrentamos crises, greves, tensões políticas e dificuldades institucionais. Mas havia respeito. Havia diálogo. Havia humanidade nas relações entre colegas, gestores e equipes. Sentíamos orgulho de fazer parte desta construção democrática.

Como em toda relação, existiam divergências, desentendimentos e conflitos. Mas

prevalecia a capacidade de conversar, construir consensos e seguir juntos defendendo a Instituição.

Quantos movimentos históricos vivemos dentro desta Universidade? Quantas vezes discordamos internamente e, ainda assim, saímos fortalecidos porque existia um propósito coletivo maior?

Hoje, infelizmente, vivemos quase o oposto disso.

A motivação de vir para nossa “segunda casa” diminuiu a cada dia. O que antes era pertencimento vai sendo substituído pela simples necessidade de sobrevivência profissional. Muitos já não chegam motivados, mas emocionalmente esgotados.

E isso inevitavelmente produz consequências institucionais.

Temos visto menos comprometimento, menos entusiasmo e menos identificação com a Universidade. E não porque os trabalhadores tenham perdido sua competência ou sua dedicação histórica. É impossível exigir excelência contínua de pessoas submetidas diariamente à insegurança, à instabilidade e ao medo.

Pode-se dizer que a culpa é apenas do funcionário? Claro que não.

Nenhuma política institucional baseada em disputas internas permanentes, desautorização de lideranças, insegurança administrativa e ausência de diálogo conseguirá motivar trabalhadores.

Não há coerência institucional possível quando prevalecem disputas de poder acima das pessoas. Não há ambiente saudável quando o medo substitui o diálogo. Não há gestão moderna quando a instabilidade se torna método administrativo.

A comunidade universitária não precisa de mais demonstrações de força. Precisa de clareza. Precisa de respeito. Precisa de uma governança minimamente coesa.

A PUC-SP sempre foi maior do que projetos individuais, vaidades políticas ou disputas silenciosas de autoridade. Sua história foi construída pela inteligência coletiva, pela coragem crítica e pela capacidade de diálogo mesmo nos momentos mais difíceis.

Ainda há tempo de reconstruir pontes.

Mas isso exige maturidade institucional, responsabilidade e, sobretudo, a compreensão de que nenhuma disputa de poder vale o adoecimento de uma comunidade inteira.

Porque, no fim, continuamos fazendo a mesma pergunta — cada vez mais cansados, inseguros e emocionalmente abalados:

A quem respondemos?

E talvez exista uma pergunta ainda mais urgente que a comunidade precisa fazer a ela mesma:

Até quando assistiremos, em silêncio e apatia, à perda da Universidade que ajudamos a construir com tanto orgulho, trabalho e esperança?

Em Estado de Greve professores do ensino superior realizam nova assembleia

Na próxima quinta-feira, 28/05, os professores do ensino superior privado do Estado de São Paulo realizam nova assembleia.

Os docentes decretaram o Estado de Greve da categoria, por 98% dos presentes à assembleia, em razão da intransigência dos patrões do ensino superior, que além de não concordaram com as reivindicações dos professores, propunham uma série de cortes em reivindicações históricas da categoria.

Na reunião de quarta-feira, 12/05, as mantenedoras voltaram atrás em algumas de suas exigências como o corte de bolsas de estudo e a diminuição drástica nos valores dos planos de saúde. Porém, não abriram mão na possibilidade de alterações significativas em cláusulas relativas a férias, reeleição dos componentes das Cipaas, carga horária e controle de ponto. Além disso mantiveram as propostas econômicas

de reajuste de 3,51% dividido em duas vezes (1% agora e 2,51% em outubro), que seriam recompostas em outubro com um abono de 14%.

Diante desse recuo parcial os docentes decidiram manter o Estado de Greve e voltar a negociar com os patrões, na expectativa de novas contrapropostas patronais.

Para o Sinpro-SP a resposta da assembleia foi clara: “vamos trazer de volta a pauta dos professores para o centro das negociações. Professoras e professores do ensino superior querem discutir um pacote de remuneração que garanta aumento do poder aquisitivo e das condições de trabalho reivindicadas na pauta deliberada estadualmente, incluindo ações efetivas contra o adoecimento mental e o assédio nos locais de trabalho e um “código ético” de implementação e utilização da Inteligência Artificial, entre outras questões, além da manutenção integral

de todos os direitos já conquistados”, assinala o Sindicato em seu Boletim.

Nesse sentido a presença da categoria na assembleia unificada será decisiva para manter e ampliar as conquistas dos docentes. A assembleia terá início às 15hs e o link estará à disposição dos docentes da cidade de São Paulo no site

<https://www.sinprosp.org.br>.

Professores municipais

Até o fechamento desta edição, a greve dos professores e servidores municipais continua. Desde o dia 28/04, a categoria decidiu paralisar reivindicando não somente aumento nos salários, mas condições dignas de trabalho para a categoria. Para o Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo, Sinpeem, os trabalhadores da educação municipal enfren-

tam hoje “Problemas de toda ordem, como salas superlotadas, módulos insuficientes, falta de segurança e falta de infraestrutura das unidades educacionais, têm levado os trabalhadores ao adoecimento, evidenciando a urgência de atendimento às reivindicações funcionais e de organização das escolas como o atendimento à educação especial, implementação de políticas públicas voltadas à saúde mental dos profissionais de educação”.

Do ponto de vista econômico, os docentes e funcionários reivindicam aumento de 5,4% apenas sobre os pisos remuneratórios dos docentes, enquanto o prefeito bolsonarista Ricardo Nunes acena com um reajuste ínfimo de 3,51%, dividido em duas parcelas (2% em maio de 2026 e 1,48% em maio de 2027).

Novas mobilizações e passeatas pelas ruas centrais de São Paulo determinarão os próximos passos do movimento.

Livro de Durval de Noronha debate direitos humanos sob a ótica Sul Global

Na quinta-feira, 21/05, no auditório 333, aconteceu o encontro que debateu o livro "O Regime Internacional dos Direitos Humanos e o Sul Global", do Prof. Dr. Durval de Noronha Goyos Jr. O encontro contou com a presença do autor, do embaixador Benigno Pérez Fernández (cônsul-geral de Cuba), da Profa.

Dra. Regina Maria A. F. Gadelha (FEA-PUC-SP), do Prof. Dr. Wagner Balera (Faculdade de Direito da PUC-SP) e da Profa. Dra. Carol Proner (Faculdade de Direito da UFRJ). Durante o debate, foram discutidos o fascismo presente no governo norte-americano, a América Latina e os direitos humanos na teoria e na prática.



O Prof. Dr. Durval de Noronha Goyos Jr. no lançamento de seu livro

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP

Edição: Valdir Mengardo e Rafaela Serra

Reportagem: Rafaela Serra, Valdir Mengardo e Sthefane Mattos

Fotos: Sthefane Mattos

Revisão: João Batista Teixeira da Silva, Elaine Alves Trindade, Victoria C. Weischtordt e Ana Amélia da Silva

Arte: Valdir Mengardo, Rafaela Serra e Marina D'Aquino

Conselho Editorial: João Batista Teixeira da Silva, Elaine Alves Trindade, Victoria C. Weischtordt, Regina Gadelha, Rodrigo Mariano Costa e Rivaldo Carlos de Oliveira

APROPUC: Rua Bartira, 407 - Cep 05009-000 - Fone 3872-2685

AFAPUC: Rua Ministro Godoy, 1055 - Fone 3670-8208

PUCviva: Fone/WhatsApp: 3872-2685

Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br

Pucviva na internet: www.apropucsp.org.br

Colóquio da Faculdade de Ciências Sociais encerra com a deputada Luiza Erundina

O Colóquio da Faculdade de Ciências Sociais aconteceu entre os dias 18 e 20 de maio, com o tema Pensar o Agora: crise, poder e sociedade no século XXI. Os temas giraram em torno de reflexões sobre as conjunturas políticas, econômicas e sociais do mundo contemporâneo. Na segunda-feira, 18/05, foi abordada a questão da escravização e precarização do proletariado e as extremas direitas no Brasil; na terça, foi acerca da Guerra Imperialista no Oriente Médio e Racismo e os Movimentos Sociais; no último dia, pela manhã ocorreu uma apresentação cultural e o encerramento do Colóquio com a presença da Deputada Federal, Luiza Erundina.

A deputada fez sua explanação de forma diferente: após apresentar a sua trajetória de vida, que implicava em promover melhores condições de vida para sua família de origem de lavradores no interior da Paraíba até a luta ao lado dos trabalhadores sem-terra na Ditadura Militar, quis ouvir a opinião do público jovem sobre a política.

Havia perguntas acerca de como é possível mudar a realidade que vivemos, de como ser ouvidos em meio à uma realidade indiferente às populações minorizadas e como

podemos agir na política de base para trazer frutos. A deputada respondeu os anseios dos jovens, que em suas explicações aparentavam estar perdidos ou desanimados e para ela, desânimo era conservador. Ela recomendou que as pessoas devem ter um sonho coletivo, serem inquietos quanto à realidade e que é isso que a move, no alto dos seus 91 anos. “O sonho não envelhece, o sonho não morre. O sonho que transforma, o sonho que dá alegria e felicidade é aquele que não termina no teu tempo de vida. Não é um sonho individual, é o desafio do coletivo. E o sonho não termina com o primeiro fracasso que eventualmente você passa por ele. É sonhar sempre, é sonhar apesar de tudo, é sonhar e contagiar os outros com esse sonho.”

Em diversos momentos, o público reagiu com salva de palmas para as explicações da deputada, como quando ela relembrou o fatídico episódio quando a reitora Nadir Kfourri não aceitou apertar a mão do coronel Erasmo Dias, no episódio da invasão da PUC-SP na Ditadura Militar. Para o PUCViva, Erundina opinou sobre o papel da PUC-SP na formação profissional: “essa formação, ela tem que ser mais ampla do que simples-

mente uma especialização; é formar, além do profissional, é formar o sujeito político e induzir nele o sentido político da vida e das profissões. Além disso, o sujeito político tem a responsabilidade de contribuir em alguma medida para melhorar a realidade, melhorar aquilo que na sociedade não é justo. E ele [sujeito] tem poder, que ao se somar com outros e somar a energia e um objetivo comum, ele é capaz de mudar as coisas e realizar sonhos.”

Alta mensalidade

Para o PUCViva, a deputada opinou sobre a não abertura de alguns cursos para o primeiro semestre de 2026: “a mensalidade é pesada. Dificilmente a filha de um operário, ou mesmo um operário podem pagar. A demanda está caindo, está zerando, mas não é porque não haja pessoas interessadas, [como] no caso

do Serviço Social e em outras áreas. É falta de condições, de sobrevivência e consequentemente para pagar uma mensalidade que não é barata. Mas esse é o fato de ser uma instituição privada, embora com uma história, com uma tradição e com compromissos históricos importantes, mas enfrenta hoje esse problema.”

Doutora Honoris Causa

Em 15/05, Luiza Erundina recebeu título de Doutora Honoris Causa pela Unifesp, em reconhecimento à sua notável trajetória em defesa da democracia, dos direitos humanos, da justiça e da educação. No ano passado, a ex-prefeita de São Paulo também foi agraciada com o título pela PUC-SP. Erundina foi professora da Faculdade de Serviço Social da PUC-SP.



A deputada federal Luiza Erundina e a Diretora da Fac. de Ciências Sociais, Profª Drª Marli Pitarello



Programa de Pós Graduação
Ciência da Religião



XI Simpósio Internacional sobre Migração e Religião

Sujeito Migrante no Mundo Globalizado: Avanços e Resistências

25 a 27 de Maio de 2026



Prossegue a greve nas universidades estaduais

Na tarde de quinta-feira, 20/05, estudantes, professores e funcionários da USP, Unesp e Unicamp e até da Unifesp, fizeram uma manifestação unificada contra o processo de precarização do ensino superior estadual, que vem sendo implementado pelo governo de Tarcísio de Freitas. O ato saiu do Largo da Batata por volta das 15:30 rumo ao

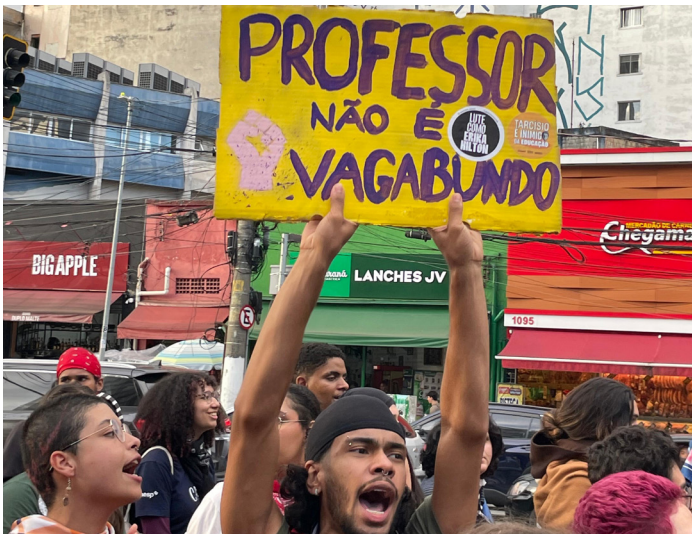
Palácio dos Bandeirantes. A manifestação ocupou quadras da Avenida Faria Lima, chamando a atenção de muitas pessoas que transitavam as vias, e até mesmo de frequentadores do Shopping Iguatemi, que ficaram na entrada do prédio acompanhando o ato. Muitos motoristas buzinaaram em apoio ao ato e pessoas de alguns prédios gritaram em

apoio aos estudantes. Havia muitos gritos de ordem e algumas músicas como “não vai ter arrego, sem ataque a educação e eu tiro seu sossego” e “trabalhador, olha para cá, estou na rua para o seu filho estudar”. Cerca de 20 carros de polícia acompanhavam o ato. Por volta das 21h, próximo à residência do Governador, o ato foi barrado metros

antes por um contingente desproporcional de força policial. Ali, houve negociação e foi autorizado que apenas seis representantes dos estudantes pudessem entrar para conversar com o governador.

Para hoje, 22/05, foi marcado uma reunião com o DCE, Sintusp e Adusp na FFLCH para discutir caminhos das reivindicações dos estudantes.

@Rafaela Serra



Estudantes ocupam o Largo da Batata em Pinheiros

SEMANA DE LETRAMENTO EM IA DE 25 A 29 DE MAIO

- Palestras
- Debates
- Workshops
- Google Gemini Tour Latam



Confira a programação completa em

j.pucsp.br/

professor e funcionário, filie-se à sua associação!

Somente a participação efetiva na APROPUC e AFAPUC garante conquistas superiores à própria Convenção Coletiva, melhores condições de ensino e trabalho, contrato de trabalho diferenciado, manutenção de uma imprensa combativa, luta permanente por uma aposentadoria digna, entre tantas outras conquistas que só podem ser viabilizadas com uma associação forte e atuante.

SUA PARTICIPAÇÃO NA LUTA DE DOCENTES E FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS É FUNDAMENTAL!

APROPUC  **AFAPUC**

ASSOCIE-SE:

PROFESSORES: www.apropucsp.org.br/ficha-de-associacao
FUNCIONÁRIOS: <https://www.afapuc.org.br/formularios/>